

A gente e nós e o seu tratamento em um livro didático de português como língua adicional

Daniela Doneda Mittelstadt e Letícia Grubert dos Santos

Submetido em 01 de maio de 2012.

Aceito para publicação em 05 de junho de 2012.

Publicado em 30 de junho de 2012.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 433-456

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](#), permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sábado, 30 de junho de 2012

23:59:59

A GENTE E NÓS E O SEU TRATAMENTO EM UM LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

Daniela Doneda Mittelstadt*
Letícia Grubert dos Santos**

RESUMO: *Este trabalho tem por objetivo analisar o tratamento dado aos pronomes a gente e nós no livro didático “Novo Avenida Brasil 1: curso de português para estrangeiros” (LIMA et al, 2008). Partimos do pressuposto de que a variação linguística é inerente à linguagem e de que o uso da linguagem é uma forma de ação social (CLARK, 2000), e, assim, entendemos que discussões acerca das novas tendências da língua portuguesa devam fazer parte das tarefas de ensino de português como língua adicional. A partir da análise do livro didático, apresentamos uma proposta de tarefa para a abordagem do pronome a gente em um curso básico de português como língua adicional.*

PALAVRAS-CHAVE: *material didático; variação linguística; português como língua adicional.*

1. INTRODUÇÃO

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

PCN

Em nossa prática como professoras de português como língua adicional (PLA)¹, tanto no contexto brasileiro como no exterior², sempre nos deparamos com questões relacionadas à abordagem da diversidade linguística do português brasileiro no ensino. A exemplo disso, temos a escolha dos pronomes pessoais *tu* e *você* e as implicações teórico-metodológicas decorrentes dessa opção para o trabalho em sala de aula, uma vez que, na

* Bolsista CAPES de mestrado em Linguística Aplicada na UFRGS: daniela.doneda@gmail.com

** Mestre em Linguística Aplicada pela UFRGS, aluna especial do curso de doutorado: legrubert@gmail.com

¹ Utilizamos o termo língua adicional seguindo o proposto por Schlatter e Garcez nos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (RGS, 2009). Segundo os autores, o termo *língua adicional* (em vez de *língua estrangeira* ou *segunda língua*) enfatiza o acréscimo do português a outras línguas que já fazem parte do repertório do indivíduo e também ressalta que, a serviço da comunicação transnacional e/ou da participação cidadã contemporânea, a distinção entre nativo/estrangeiro ou primeira/ segunda língua não é relevante.

² Letícia Santos ministrou aulas na Coreia do Sul (2007-2008) e Daniela Mittelstadt na Venezuela (2010). Atualmente Letícia Santos ministra aulas na Escola Bem Brasil (escola de ensino de língua portuguesa para falantes de outras línguas na cidade de Porto Alegre) e Daniela Mittelstadt no Programa de Português para Estrangeiros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPE-UFRGS).

maioria dos livros didáticos de PLA, o pronome *tu* é preterido em relação ao uso de *você* (RICARDI, 2005). Nesse sentido, por sermos provenientes de Porto Alegre, região na qual os falantes utilizam o pronome *tu* nas mais variadas situações sociais, a saliência do pronome *você* nos materiais de ensino de PLA sempre nos impeliu a mostrar aos alunos que o pronome reto *tu* é usado recorrentemente em algumas regiões do Brasil, e que não está em desuso – ao contrário do que se poderia inferir da proposta pedagógica de grande parte dos materiais didáticos dessa área.

Ainda em relação à nossa prática, em diferentes congressos e cursos de formação dos quais tivemos a oportunidade de participar, entramos em contato com muitos professores que trabalhavam com o ensino de PLA no exterior, embora, em diversos casos, não tivessem formação específica na área e tomassem como pilar fundamental para seu trabalho a visão de linguagem subjacente à proposta de ensino do livro didático selecionado pelas suas instituições de ensino. Ainda sobre essa questão, percebemos que vários desses professores, quando se deparavam com um exemplo de fala que não fosse aquela representada no livro didático, abordavam questões de variação linguística em sala de aula por meio de um ensino prescritivo de “certo” e “errado”, muitas vezes cultuando um ensino que estereotipa a fala do brasileiro. Assim, pensamos que em muitos contextos não tem sido oportunizado ao aluno o conhecimento da ampla gama de variedades linguísticas existentes e inerentes à linguagem.

Diante disso, torna-se ainda mais saliente a importância de materiais didáticos que realmente ajudem os professores em sua prática, mostrando peculiaridades da língua que estão imbricadas nas culturas existentes no Brasil. Além disso, já que materiais didáticos apresentam limitações na sua tentativa de refletir a complexidade da diversidade linguística do português brasileiro, entendemos que a elaboração de manuais do professor que estimulem a discussão sobre essa complexidade e orientem o trabalho em sala de aula seja fundamental. Sob essa perspectiva, pensamos que o manual do professor deveria sinalizar as oportunidades de discussão que podem ser feitas com os alunos acerca de aspectos sociolinguísticos relevantes para os objetivos de aprendizagem, com base em pesquisas sociolinguísticas atuais sobre as tendências da língua portuguesa.

Partindo dessas reflexões, entendemos que seria relevante sistematizar a discussão acerca de variedades linguísticas na sala de aula de PLA, tomando como base um livro didático de grande representatividade no ensino de PLA no Brasil e no exterior – o “Novo Avenida Brasil 1: curso de português para estrangeiros” (NAB1)³ (LIMA et al, 2008). Em relação aos pronomes pessoais, a presença de *tu* no contexto brasileiro é mencionada no livro, mesmo que escassamente. Contudo, o que realmente se tornou saliente foi a total ausência do pronome *a gente*⁴. Buscamos, então, averiguar de que modo as pesquisas

³ O livro “Novo Avenida Brasil 1” foi selecionado para este estudo, pois foi e é utilizado como livro didático nos cursos de nível básico ministrados pelas pesquisadoras tanto no Brasil quanto no exterior, primeiramente na sua versão antiga e, mais recentemente, na sua edição atualizada. É, além disso, um dos livros mais utilizados para o ensino de PLA no mundo.

⁴ Aqui nos referiremos à locução *a gente* como um pronome por entendermos que: a) possui interpretação pronominal (de primeira pessoa do plural e arbitrária); b) possui um comportamento sintático igual ao dos pronomes (não há modificação possível); e c) o gênero é determinado pela interpretação (não por especificação lexical) (MENUZZI, 2000). Maiores explicações sobre o uso de *a gente* serão dadas no decorrer do artigo.

sociolinguísticas abordam o seu uso no português brasileiro. Após, analisamos a maneira pela qual o manual do professor de nosso objeto de pesquisa sugere o ensino da primeira pessoa do plural. A partir dessa análise, propomos uma tarefa e suas respectivas orientações para o professor em relação aos usos de *a gente* no português brasileiro, de modo a suscitar discussão em sala de aula sobre variação linguística. Assim, este trabalho⁵ busca mostrar a importância de *a gente* no ensino de PLA de modo a dialogar com professores da área sobre como o pronome pode ser abordado em sala de aula, à luz da sociolinguística variacionista.

Na primeira parte deste artigo, discutimos acerca de variação linguística no português brasileiro e estudos sobre como abordá-la no ensino. Em seguida, apresentamos alguns resultados de estudos atuais sobre o uso da forma inovadora *a gente* como pronome pessoal no português brasileiro. Nas seções dedicadas à análise do livro NAB1 e do seu manual do professor, tecemos comentários sobre a organização desse material didático e sobre como são abordadas questões de variação linguística para o ensino de PLA. Por fim, apresentamos uma proposta de tarefa voltada para alunos de nível básico de PLA e que objetiva discutir a forma *a gente*.

2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUAL PORTUGUÊS EU ENSINO?

A resposta para a pergunta do título desta seção parece ter avançado nos últimos anos quando se pensa no contexto de ensino de português como língua materna a partir do advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998 (BRASIL, 1998). Em relação aos objetivos do ensino de diferentes padrões de fala e de escrita de português como língua materna, os PCN do terceiro e quarto ciclos, por exemplo, afirmam que:

o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas [...]. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p. 31).

Conforme a citação acima, percebe-se que os PCN priorizam um ensino de língua materna voltado para a adequação da linguagem a diferentes situações comunicativas, em detrimento da dicotomia certo ou errado que permeia, tradicionalmente, o ensino de línguas na escola. Ao promover um ensino calcado na adequação discursiva, tendo como ponto de partida situações de produção definidas (interlocutor, propósito e papel do enunciador), a questão da variedade linguística torna-se evidente e necessária, promovendo, portanto, a

⁵ Este trabalho é fruto da discussão acerca de estudos da variação linguística como prática social e de outras reflexões teórico-metodológicas sobre o ensino de Língua Portuguesa abordados na disciplina de Seminário de Variação Linguística e Práticas Sociais do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS no segundo semestre de 2011, sob a orientação da professora Dra. Elisa Battisti. Agradecemos à professora pelos comentários feitos em versões anteriores deste trabalho.

necessidade de discussão, em sala de aula, de outros elementos inerentes ao uso da língua portuguesa que não apenas a acurácia gramatical.

No que tange ao ensino de PLA, ainda há muito a ser discutido a respeito da postura que o professor deve adotar frente às variedades do português brasileiro e de que modo ele pode sensibilizar o aluno para a riqueza do idioma por meio de práticas pedagógicas ancoradas em estudos linguísticos atuais, sem desprestigiar certos falares brasileiros. Podemos, contudo, perceber uma mudança no ensino de PLA, principalmente depois da implementação do exame para obtenção do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), que faz uma avaliação de desempenho e não de itens isolados de gramática e vocabulário. De acordo com Schlatter (2006), já foi possível perceber uma modificação no ensino e na aprendizagem de PLA – que historicamente se limitava a práticas estruturalistas, com o foco em preenchimento de lacunas e ensino de regras gramaticais e vocabulário –, os quais passaram a voltar-se para o uso da língua para comunicação oral e por escrito, levando em conta “o contexto da interação, ao invés de focalizar exclusivamente conhecimento *sobre* a língua” (SCHLATTER, 2006, p.175, grifo da autora).

Pode-se ver, portanto, que o ensino de PLA era, assim como o ensino de português como língua materna, pautado em um ensino principalmente estruturalista. A mudança que se nota em ambos os contextos de ensino de língua portuguesa, por mais que às vezes tímida, leva-nos a pensar em que português, então, ensinar. Ao tomarmos como pressuposto o construto de uso da linguagem como forma de ação social (CLARK, 2000), entendemos que a variação é inerente à linguagem humana e, portanto, ao tratarmos dessas questões em sala de aula de língua adicional, podemos mostrar ao aluno que o que está em jogo em seu aprendizado não é a simples automatização de um código pronto e acabado, e sim a inclusão em sua vida de um elemento fundamental das culturas de um povo (ou de vários), que serve para mediar suas interações, segundo o percurso sócio-histórico e ideológico dos participantes envolvidos, ou, em outras palavras, a adição de novas línguas a seu repertório linguístico.

Acreditamos, portanto, que a sala de aula de PLA (e também a de português como língua materna) possa ser palco para discussões sobre variação, mostrando que, dependendo do contexto, do estilo e do interlocutor, há diferentes formas possíveis para a comunicação, e que saber usar a língua de formas distintas é mister para atuar em diferentes comunidades de prática⁶.

Ainda em relação a qual português ensinar, pensamos que tanto a norma culta⁷ quanto a padrão⁸ devam possuir seu espaço em sala de aula, e, para tanto, é essencial que o professor tenha acesso a pesquisa sociolinguísticas atuais. Além disso, é importante que exista um momento em sala de aula para mostrar as formas estigmatizadas, pois pode ser uma maneira de reiterar que não são “erradas” e, sim, formas que, por uma questão de

⁶ Entendemos comunidades de prática como grupos de indivíduos reunidos em torno de um empreendimento comum (ECKERT, 2000, p.35).

⁷ Não há na literatura especializada um consenso sobre a definição de norma culta. Apesar disso, neste trabalho a entenderemos como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações monitoradas de fala e escrita” (FARACO, 2008).

⁸ De acordo com Bagno (2007), a norma-padrão não é propriamente uma variedade da língua, mas um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização.

mercado⁹ (BOURDIEU, 2008), foram consideradas não aceitas para determinadas situações, normalmente em contextos mais formais. Contudo, acreditamos que deva haver a discussão de que não são formas aleatórias e, dependendo do interlocutor, podem ser mais adequadas do que outras.

É sob esse enfoque que buscamos analisar, neste trabalho, o modo como o livro didático NAB1 representa a diversidade do português brasileiro e de como explicita, ou não, sua visão sobre essa diversidade nas orientações para o desenvolvimento das tarefas que lidam com a fala do brasileiro, apresentadas no manual do professor.

Para guiar o presente trabalho, partimos das seguintes perguntas:

1. O NAB1 evidencia que a língua apresenta variabilidade nos fenômenos gramaticais?
2. O que dizem as pesquisas sociolinguísticas atuais quanto ao paradigma pronominal no português brasileiro em relação a *a gente e nós*?
3. A variação linguística no uso pronominal está contemplada no livro didático NAB1?
4. O que seria importante mencionar em um manual do professor de PLA a partir de pesquisas acerca da forma inovadora *a gente* no paradigma pronominal do português brasileiro?
5. Como podem ser abordados os usos da primeira pessoa do plural em tarefas para o ensino de PLA?

Apresentaremos na próxima seção os referenciais teóricos utilizados como suporte para alcançar os objetivos mencionados.

3. O PARADIGMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O USO DE NÓS E A GENTE

Tomando como referência para o estudo inicial do paradigma pronominal em relação a *nós* e *a gente* as asserções de reconhecidas gramáticas do português brasileiro, percebemos que há certa divergência entre as explicações sobre o uso desses pronomes e sua ocorrência segundo a prática linguística dos brasileiros (LOPES, 1998). Neves (2000), por exemplo, não inclui o pronome *a gente* em seu quadro de pronomes pessoais para referência às três pessoas gramaticais. Segundo a autora, o sintagma nominal *a gente* seria empregado como pronome pessoal na linguagem coloquial. Em relação a isso, Bechara (2006) afirma que *a gente* seria usado como pronome pessoal fora da *linguagem cerimoniosa*.

⁹ Segundo Bourdieu (2008, p. 65), “Em matéria de produção simbólica, o condicionamento exercido pelo mercado por intermédio da antecipação das possibilidades de lucro assume naturalmente a forma de uma *censura* antecipada, de uma autocensura, determinando não apenas a maneira de dizer, isto é, as escolhas de linguagem – a mudança de código (*code switching*) das situações de bilinguismo – ou do “nível” de linguagem, mas também daquilo que poderá e que não poderá ser dito”.

Ao analisar a apresentação dos pronomes pessoais em diversas gramáticas normativas¹⁰, Lopes (1998) diz que os pontos que poderiam ser considerados mais problemáticos nas gramáticas avaliadas seriam a exclusão de formas amplamente utilizadas na linguagem coloquial e o equívoco nas noções de número e pessoa. No tocante à forma *a gente*, a autora afirma que, na maioria das gramáticas analisadas, há contradição na apresentação desse sintagma, ora apresentando-o como pronome pessoal, ora como forma de tratamento, ou mesmo como pronome indefinido, sendo que, para essas afirmações, destinam-se apenas notas ou observações de rodapé.

Já em relação a pesquisas sobre o uso de *nós* e *a gente*, pode-se dizer que há um número crescente de estudos que buscam avaliar o desenvolvimento da forma inovadora *a gente* no sistema pronominal do português brasileiro. A preferência, cada vez maior, pelo uso da forma *a gente* como pronome pessoal, em detrimento de *nós*, vem sendo apontada como parte de múltiplas reorganizações gramaticais em curso no português brasileiro (ZILLES, 2002, 2005, 2007a, 2007b), que seriam efeito de uma reestruturação do português brasileiro em relação ao Português Europeu, a qual impeliria diversas mudanças morfossintáticas – como é o caso do paradigma pronominal e do sistema de concordância verbal (ZILLES, 2007b). Em relação ao primeiro processo – foco deste trabalho –, temos a implementação do uso de *a gente* como pronome pessoal de primeira pessoa do plural (ZILLES, 2007b). Essa reestruturação do paradigma pronominal do português brasileiro, segundo Monteiro (1994, p. 146), pode ser oriunda de uma possível redução do sistema de conjugação verbal – a exemplo do que ocorreu com a extinção de *vós* e a emergência de *você*, uma mudança completa; no caso do uso de *a gente*, em vez de *nós*, haveria uma mudança considerada em curso. Em relação a isso, Zilles (2007a) menciona que:

O encaixamento linguístico de *a gente*, a exemplo do que ocorreu com a introdução de *você/vocês*, também está, indiretamente, acarretando mudança no paradigma da concordância verbal, apontando para sua redução, já que o mais frequente é encontrarmos o novo pronome seguido de verbo na 3ª pessoa do singular. (p. 30)

Lopes (2001, p. 140-141) assinala que, como em todo processo de mudança linguística, a gramaticalização da forma *a gente* foi lenta e gradual e envolveu um estágio intermediário no qual o nome *gente* perdeu o traço sintático de plural e cristalizou-se como um nome singular, sendo atribuída a ele uma interpretação semântica coletiva e genérica. Ainda em relação a essa variável, outro aspecto de seu processo de mudança esteve relacionado à questão da concordância de gênero da palavra *gente*: quando substantivo, pertence ao gênero feminino; já na condição de pronome, a forma *a gente* pode aparecer acompanhada tanto de formas femininas, quanto de formas masculinas (adjetivos, nomes), sendo a seleção de gênero indicada pela designação do falante e pelos referentes que a acompanham. Castilho (1997, p. 37, apud ZILLES, 2007a) aponta que o uso da palavra *gente* como fonte para a mudança no quadro pronominal pessoal do português brasileiro

¹⁰ A pesquisadora analisou as seguintes gramáticas: Gramática Fundamental da Língua Portuguesa (CHAVES de MELLO, 1980); Nova Gramática do Português Contemporâneo (CUNHA; CINTRA, 1985); Gramática da língua portuguesa (MATEUS et al., 1983); Gramática normativa da língua portuguesa (ROCHA LIMA, 1983); e Gramática Histórica da Língua Portuguesa (SAID ALI, 1964).

parece seguir a tendência das línguas que, de forma geral, recorrem ao uso de nomes genéricos como fonte de pronomes pessoais.

Estudos sociolinguísticos sugerem que o uso da forma *a gente* como pronome pessoal remonta ao século XIX, sendo associado a classes menos favorecidas, fato que corroboraria o uso da forma inovadora a um processo de mudança de baixo¹¹ (*change from below*) (ZILLES, 2005). Alinhando-se a essa perspectiva, o estudo de Assis (1988, apud ZILLES, 2005) mostra que o uso da forma inovadora está vinculado à origem popular, baseando-se nos resultados de sua pesquisa em uma comunidade rural em Minas Gerais. No estudo, o pesquisador mostra que os falantes sem escolarização apresentaram forte preferência (86%) pelo uso de *a gente*, o que pode evidenciar que esse é um processo que emerge dentro de comunidades de fala com menos prestígio no mercado linguístico¹². Em relação a isso, Lopes (1998), ao confirmar as hipóteses levantadas por Omena (1986), conclui que:

os fatores linguísticos que condicionam o uso de *nós* e *a gente* são os mesmos, tanto para os falantes com pouca escolaridade quanto para os de formação universitária completa. O processamento da mudança linguística nos dois grupos, entretanto, está ocorrendo de forma diferenciada. Nos falantes com pouca escolaridade (OMENA, 1986) a substituição de *nós* por *a gente* encontra-se em um estágio mais avançado do que entre os falantes cultos. Nestes últimos – os homens e as mulheres de meia-idade – sofrendo pressões sociais maiores, em função de suas atividades profissionais, estão, talvez, retardando a efetivação da mudança. (LOPES, 1998, p. 14)

A gramaticalização do uso de *a gente* no português brasileiro na posição de sujeito da oração:

aumenta significativamente dos anos 1970 para os anos 1990. Qualitativamente, expande-se para novos contextos, onde antes não era possível. Assim, inicialmente usado apenas com sentido genérico (...) estende-se para os contextos de referência específica (ZILLES, 2005, p. 32).

¹¹ Labov (1994) distingue dois tipos de mudança dentro de uma comunidade linguística: mudança de cima (*change from above*) e mudança de baixo (*change from below*). Segundo o autor, a primeira está relacionada à mudança linguística que é importada de uma comunidade de fala por outra, sendo que tal mudança geralmente provém de um modelo de prestígio e a maioria dos falantes tem consciência da incorporação desse modelo. O outro tipo de mudança, mudança de baixo (*change from below*), envolve diferentes motivações e diferentes distribuições sociais, podendo ser considerada como um desenvolvimento espontâneo que emerge dentro da comunidade de fala. No início de seu desenvolvimento, os falantes da comunidade têm pouca consciência da existência da mudança. Esse tipo de mudança estaria relacionado, segundo estudos históricos, a motivações linguísticas. Para o pesquisador, a motivação para esse tipo de mudança seriam forças sociais, como identidade local e solidariedade.

¹² Usamos aqui a definição de Bourdieu (2008, p. 54): “[...] o valor do discurso depende da relação de forças que se estabelece concretamente entre as competências linguísticas dos locutores, entendidas ao mesmo tempo como capacidade de produção, de apropriação e apreciação ou, em outros termos, como capacidade de que dispõem os diferentes agentes envolvidos na troca para impor os critérios de apreciação mais favoráveis a seus produtos”.

A pesquisa de Zilles (2007a), realizada com 39 informantes do banco de dados do projeto Variação Linguística Urbana no Sul do País – VARSUL, todos oriundos de Porto Alegre, mostra o uso de *a gente* como uma mudança liderada por mulheres, sendo que os resultados para faixa etária indicavam uma mudança em curso, pois os falantes mais jovens lideravam o seu uso com uma diferença robusta no peso relativo em relação aos de mais idade. Destacamos também, desse estudo¹³, que o *input* (probabilidade geral de uso de *a gente*) era muito alto (0,85), indicando que a mudança já estava bastante avançada.

Já no que tange à variação estilística, Zilles (2005) mostra que não há evidências de que a escolha entre as formas *nós* ou *a gente* esteja relacionada a um estilo mais “regulado/cuidado” da língua, embora o uso de *a gente* não favoreça o estigma relacionado à concordância verbal, o que poderia motivar seu uso em situações que exigissem um maior monitoramento por parte do falante.

Ao tratar de variação estilística, Coupland (2001) aponta a necessidade de se levar em conta propósitos comunicativos e identidade, postulando que *estilo* é a realização situacional e de individualidade do discurso. De acordo com o autor, em geral os modelos sociolinguísticos ignoram o significado social do estilo, não levando em conta, em suas análises, questões como padrões de seleção do que queremos significar, para quem, quando e onde. Sob esse viés, os resultados do estudo de Zilles (2007a) mostram que o uso da forma inovadora oferece uma maneira mais segura de se evitar o estigma associado à omissão de concordância verbal. Segundo Zilles (2007a), com o advento da imposição do padrão da língua escrita no século 19, tem-se atribuído valorização negativa à falta de concordância verbal na fala, o que poderia favorecer o uso de *a gente* como meio de evitar esse estigma. Contudo, ao tratar da avaliação social da forma inovadora em gêneros textuais escritos, a pesquisadora aponta que a forma *nós* parece ser favorecida em detrimento da forma *a gente*. Segundo a pesquisadora, para que seja apurado se essa preferência é de fato instaurada pelas restrições do gênero textual em questão ou se está calcada em outros elementos – como, por exemplo, a escolha do escritor – é necessário analisar a relação entre o uso das formas inovadoras bem como dos gêneros textuais de forma a compreender os motivos pelos quais “em determinadas circunstâncias importa escrever como se fala ou recriar, na escrita, traços da fala, ao passo que, em outras, isso não é mesmo possível sem o ônus de estigma para quem escreve” (ZILLES, 2007a, p. 41).

A variação na escolha entre as formas *a gente* e *nós* não parece estar relacionada diretamente a características específicas de seus usuários (*status* social, idade, sexo) – ou seja, essas características não levam à não realização, ou quase total não realização da forma *a gente* –, como apontam os resultados das pesquisas supracitadas, mas sim a uma tendência geral dos falantes de português. Em relação a isso, Eckert (2000)¹⁴ postula que as variáveis linguísticas não são associadas simplesmente a determinados grupos sociais, mas

¹³ Outro ponto relevante salientado por Zilles (2007) refere-se ao chamado parâmetro do sujeito nulo, afirmando que o português brasileiro estaria se encaminhando para o progressivo preenchimento do sujeito.

¹⁴ Eckert (2000) realizou um trabalho de pesquisa etnográfica em quatro escolas de subúrbio de Detroit distinguindo dois grandes grupos sociais entre os adolescentes: *jocks* e *burnouts*. A pesquisadora observou que a variação linguística marcava essas identidades e que a ligação entre as variáveis que indicavam tais identidades se dava de modo indireto, por meio de práticas e ideologias constitutivas desses grupos. Assim, os grupos de *jocks* e *burnouts* existiam porque as questões que os dividiam são salientes para a comunidade escolar.

sim a suas práticas e ideologias. Para a pesquisadora, a variação linguística está ligada à construção de significado social. Embora ainda sejam necessários mais estudos de cunho sociolinguístico sobre a aparente preferência pela forma inovadora *a gente*, em detrimento de *nós*, que visem a relacionar variação linguística à organização social e a identidades sociais – assim como o realizado pelo estudo de Eckert (2000) –, entendemos que tal reflexão deva fazer parte das aulas de PLA, uma vez que já há resultados de estudos que indicam essa mudança em curso no paradigma pronominal do português brasileiro. Para isso, acreditamos que seria importante que os materiais didáticos de PLA abarcassem o novo paradigma pronominal, apresentando a forma inovadora *a gente* e que, no manual do professor, estivessem explicitadas orientações sobre as tendências do português brasileiro, de modo a guiar o trabalho do professor em sala de aula e suscitar discussões sobre variação linguística¹⁵.

Ainda em relação ao uso de *nós* e *a gente*, é importante ressaltar que existe um uso variável na concordância. De forma a exemplificar esse uso, temos:

- a canção “Inútil” do Ultraje a Rigor, em que há frases como *A gente somos “inúteu”*, que mostra o uso de *a gente* acompanhado da 1ª pessoa do plural. Zilles (2007a) aponta para esse fenômeno, afirma, contudo, que nos dados da sua pesquisa de quatro comunidades do Rio Grande do Sul, esse fenômeno praticamente não ocorre na fala dos adultos. Nesse mesmo sentido, Menuzzi (2000) afirma que não há variação entre ‘*A gente vai*’ e ‘*A gente vamos*’, já que esta última forma é considerada agramatical. Já Manzoni e Santos (2011) afirmam que em Alagoas o uso dessa variação é frequente.
- a canção “Conselho de Mulher” de Adoniran Barbosa com a frase *o “pogressio” vem do “trabaio”, então amanhã cedo, “nóis” vai trabalhar*, que mostra o uso de *nós* acompanhado da 3ª pessoa do singular.

Duas gramáticas normativas – a “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara (2006), e a “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, de Cunha e Cintra (2008) –, que iremos tomar como representativas de outras gramáticas, abordam a ausência de marcas de concordância verbal como uma falha que deve ser evitada, e a presença dessas marcas como a forma correta, que deve ser seguida, o que mostra haver estigma em relação à variação de concordância usada nos exemplos mencionados. Acreditamos que abordar essa variação em sala de aula seja importante para ressaltar que existem formas distintas de concordância quando do uso de *nós* e *a gente* e que a escolha por parte do falante pode acarretar, ou não, estigmas.

Após a análise sobre o que pesquisas sociolinguísticas afirmam em relação aos pronomes *nós* e *a gente*, na próxima seção apresentaremos a análise do livro NAB1 e as orientações presentes no manual do professor desse material didático.

¹⁵ Não estamos, com isso, dizendo que a responsabilidade de atualização sobre as formas inovadoras da língua portuguesa restrinja-se aos autores de materiais didáticos, uma vez que é inerente ao trabalho do professor a constante atualização e pesquisa-ação em sua área de atuação.

4. O LIVRO “NOVO AVENIDA BRASIL 1”: UMA BREVE ANÁLISE

O NAB1 é a versão atualizada do livro “Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiros”, publicado pela EPU (Editora Pedagógica e Universitária), de São Paulo. O primeiro livro, lançado em 1991, constava de 12 unidades (chamadas Lições no livro) e era acompanhado por um Livro de Exercícios, também com 12 Lições, além do Livro do Professor, dois CDs e um Glossário Português – Alemão – Inglês – Francês – Espanhol.

Em relação às diferenças entre a primeira versão e a versão atualizada está, principalmente, a reorganização do material: o primeiro livro foi dividido em dois e o Livro de Exercícios passou a integrar o Livro-Texto. Algumas das imagens foram substituídas, mas a maior parte do livro continua a mesma, não incorporando possíveis modificações advindas dos estudos mais recentes da área de Ensino de Línguas de forma mais ampla e de Português de forma mais específica. A seguir apresentamos um quadro com alguns dos objetivos do livro.

Quadro 1 – Temas, Funções Comunicativas e Aspectos linguísticos – Livro NAB1 (LIMA, 2008)

Tópico(s)	Funções comunicativa(s)	Aspectos linguísticos
1. Conhecer pessoas (nomes, nacionalidades, endereço, profissão, números)	Cumprimentar; pedir e dar informações pessoais, anotar recados, soletrar, despedir-se, comunicar-se em sala de aula.	Verbos: presente (- ar, -er), substantivos (masculino e feminino); Pronomes possessivos (seu /sua); preposições: (em + artigo).
2. Encontros (encontros com outras pessoas, atividades de lazer, horários).	Apresentar alguém, propor; convidar; perguntar as horas; comunicar-se em sala de aula.	Verbos: ir, poder, ter; futuro imediato; pronomes demonstrativos.
3. Comer e beber (restaurante, bar, convites, alimentação, a mesa)	Propor, pedir informações, pedir alguma coisa; agradecer.	Verbos: -er , gostar de, estar, ser; preposições: de + artigo.
4. Hotel e cidade	Expressar desejos, preferência, dúvida, confirmar algo, reclamar, perguntar por localização, direção; aconselhar, desaconselhar.	Pronomes interrogativos; imperativo.

5. Moradia	Definir; identificar coisas; expressar contentamento e descontentamento; comparar; localizar.	Verbos: pretérito perfeito -ar, -er, -ir; comparação: mais, menos, tão; comparativos irregulares; preposições locais.
6. Dia-a-dia	Falar sobre atividades do dia-a-dia, retratando-as.	Verbos: pretérito perfeito (irregulares) Pronomes oblíquos o(s), a(s), lo(s), la(s)

É importante salientar que o livro NAB1 é utilizado como livro didático em diversas instituições de ensino de PLA no Brasil e no exterior, mesmo se tratando de um livro de 1991 e que passou por poucas modificações nesse longo período. Apesar da crescente demanda do ensino de PLA, principalmente sob uma perspectiva de uso da linguagem – tomando-se como referência a concepção de linguagem adotada pelo exame Celpe-Bras –, são poucos os materiais didáticos que se propõem a abarcar as descobertas sociolinguísticas mais atuais.

Em relação ao aspecto mais específico deste trabalho, o uso de *a gente* em comparação ao uso de *nós*, percebe-se que os livros de PLA, de maneira geral, ainda não abordam o primeiro. Na pesquisa de Ricardi (2005), por exemplo, em uma abordagem sobre as formas pronominais em outros livros didáticos de PLA, a autora aponta uma baixa ocorrência no uso de *a gente* nos livros analisados, afirmando que a

relativamente baixa ocorrência de *a gente* nos livros de PLE nos causa espanto, visto que é sabido que essa forma pronominal vem suplantando o pronome *nós* cada vez mais, como ficou provado em inúmeras pesquisas sociolinguísticas que estudaram a alternância nós/a gente. (p. 91)

Em relação ao NAB1, percebemos que o pronome *nós* permeia todo o material, aparecendo no livro sempre que há a conjugação de algum verbo, sendo utilizado também em diferentes exercícios estruturais; não há menção, contudo, ao pronome *a gente* e seus usos. Percebe-se assim, que *nós* é considerado, no livro 1 do Novo Avenida Brasil, como a única forma a ser ensinada, já que tampouco há qualquer referência a *a gente* no manual do professor, que será mais bem analisado na próxima seção.

5. AS ORIENTAÇÕES NO MANUAL DOS PROFESSORES DO LIVRO NAB1

Na apresentação do manual dos professores do livro NAB1, os autores afirmam que o livro “destina-se a estrangeiros de qualquer nacionalidade, adolescentes e adultos que queiram aprender Português para poderem comunicar-se com os brasileiros e participar de sua vida cotidiana” (LIMA; BERGWEILER, 2009, p. 3) e que o seu objetivo maior é de “levar o aluno a compreender e a falar” (LIMA; BERGWEILER, 2009, p. 3). Embora o

manual refira-se à nova edição do NAB1, os autores não mencionam se houve atualização teórico-metodológica nas suas tarefas¹⁶.

Em relação à primeira lição do livro (LIMA; BERGWEILER, 2009, p. 25), o manual afirma que os pronomes *tu* e *vós* não estão nas tabelas de conjugação de verbos do NAB1, mas que é importante que o professor se refira a esse aspecto. Em relação ao pronome *tu*, o manual afirma que seu uso é limitado a algumas partes do país e que, quando utilizado, é comum que o verbo seja conjugado na 3ª pessoa do singular, por analogia a *você*. Já no que concerne ao uso de *vós*, afirma-se que esse pronome está ausente na língua falada, e por isso a sua exclusão da tabela de conjugação verbal (LIMA; BERGWEILER, 2009, p. 25). Há também uma explicação sobre o uso de “o senhor/ a senhora”, na qual se salienta a sua importância para referir-se a pessoas de mais idade ou que mereçam respeito especial (LIMA; BERGWEILER, 2009, p. 26). Nesse sentido, parece haver no manual uma preocupação com a língua falada e a importância de levar-se em conta o contexto para a comunicação. Assim, surpreende que não haja, em todo o manual, qualquer menção ao uso de *a gente*, com o pronome *nós* sendo apresentado como a única possibilidade para referir-se à primeira pessoa do plural.

Em outros trechos do manual, há uma tentativa de fazer uma diferenciação entre a norma culta e a norma-padrão. Um exemplo disso é a referência que faz à preferência dos brasileiros por usar o futuro imediato em gêneros orais em detrimento do futuro simples. Apesar disso, não são apresentadas maiores informações para o professor sobre o porquê dessa tendência. Na mesma linha, ao direcionar o trabalho do professor em relação à lição 6, há uma nota de alusão à diferença entre o que é prescrito e o que os falantes realmente utilizam: ao tratar do uso dos pronomes oblíquos *o(s)*, *a(s)*, *lo(s)*, *la(s)*, o guia aponta que são normalmente substituídos pelo emprego de *ele(s)*, *ela(s)* na linguagem que chamam – no manual – de popular, podendo tal substituição ser encontrada também na fala de pessoas cultas.

Ainda em relação à lição 6, o manual chama a atenção do professor para o fato de que o diálogo introdutório da lição está baseado na rotina de duas mulheres, Dona Conceição, empregada doméstica, e Dona Cecília, professora, o que poderia propiciar a discussão em sala de aula sobre as diferenças de classe social no Brasil. No entanto, apesar de serem mencionadas as principais diferenças entre o cotidiano das duas mulheres, sobretudo quanto ao padrão de vida que elas possuem, não há uma problematização quanto às variantes usadas por essas brasileiras, ou seja, ao tipo de linguagem que elas usam e sua condição socioeconômica. Tal discussão poderia ser útil para suscitar questões sobre variedade linguística em sala de aula, uma vez que poderiam ser contrastadas algumas escolhas linguísticas utilizadas por Dona Cecília que, provavelmente, não apareceriam no repertório de Dona Conceição e vice-versa.

Ao concluir a análise desse manual, ressaltamos que não há nele referências sobre a origem dos participantes envolvidos na gravação dos diálogos – ou seja, não há menção à região de origem dos falantes –, permitindo, desse modo, a idealização de que há unicidade

¹⁶ Embora não seja o foco deste trabalho, comparamos o manual da primeira edição do Livro Novo Avenida Brasil 1 com o da edição atualizada. Constatamos que não houve mudanças significativas quanto ao construto de linguagem subjacente às tarefas em ambas as edições.

na fala dos brasileiros, tendo em vista que a discussão sobre dialetos regionais não é contemplada na análise dos diálogos orais nas tarefas do livro.

Assim, parece-nos que tanto o livro NAB1 quanto o seu manual abordam de forma muito tímida as diferentes variantes do português brasileiro e as contribuições das pesquisas sociolinguísticas. No que se refere mais especificamente ao pronome *a gente*, embora altamente marcado na fala dos brasileiros de todas as regiões (conforme vimos anteriormente), ainda não é um aspecto considerado relevante pelos autores do NAB1, uma vez que não há, no manual do professor, nenhuma orientação sobre como abordá-lo.

De forma a colaborar com a discussão sobre o uso de *a gente* em sala de aula, mostraremos na seção a seguir uma tarefa que criamos para um nível básico de português de acordo com a temática da lição 3 do livro analisado. Pretendemos, assim, dar exemplos de como as pesquisas mais recentes da área podem entrar no ensino de PLA, mesmo em níveis mais principiantes.

6. “O QUE A GENTE FAZ AGORA?”: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE TAREFAS PARA ABORDAR A FORMA A GENTE EM NÍVEIS INICIAIS

Até aqui falamos sobre como *a gente* tem sido cada vez mais usado pelos brasileiros, mostrando algumas pesquisas sociolinguísticas que o comprovam. Também elucubramos acerca das explicações dadas pelo livro didático NAB1 e pelo seu manual do professor para questões de variação linguística e para a total ausência de *a gente* no material.

Nesta seção, mostraremos algumas possibilidades sobre como pode ser abordado em sala de aula o pronome *a gente*, por entender que o seu ensino seja importante para ter uma prática que leva em conta o uso da linguagem dos falantes de português brasileiro. Para tanto, além dos pressupostos teóricos já aqui discutidos, levaremos em conta que:

- a) É muito importante o trabalho com textos autênticos¹⁷, desde os primeiros níveis¹⁸.
- b) A pré-tarefa tem como principais objetivos: apresentar o tópico da tarefa, despertando o interesse dos alunos em participar; promover a exposição à língua-alvo, de modo a ajudar os alunos a lembrar ou a aprender vocabulário útil para a realização da tarefa; garantir que todos os alunos tenham compreendido o que a tarefa envolve, quais os seus objetivos e quais resultados serão produzidos ou esperados (WILLIS, 1996).
- c) Em níveis mais básicos, é necessário dar mais auxílio nas tarefas, o que pode ser feito, também, por perguntas de múltipla escolha – as quais terão por objetivo ajudar o aluno na compreensão do texto.
- d) Texto não deve ser pretexto – apesar de estarmos mostrando neste artigo como pode ser abordada uma questão gramatical, o texto foi escolhido a partir de uma temática importante para os alunos de nível básico I (alimentação) e, por tratar-se de um texto autêntico, acaba trazendo em si o que realmente está ocorrendo na língua.

¹⁷ Entendemos texto autêntico como aquele que foi desenvolvido para preencher um propósito social na comunidade linguística na qual foi produzido (LITTLE; SINGLETON, 1988).

¹⁸ Para mais esclarecimentos sobre o uso de textos autênticos em níveis básicos, ver Andrighetti (2009)

Além disso, a temática escolhida é recorrente em níveis iniciais e pensamos que a tarefa aqui proposta poderia ser utilizada como um material extra nas aulas de PLA (para professores que trabalham com o Novo Avenida Brasil I, a tarefa poderia ser utilizada na lição 3, que trata sobre a temática da alimentação). Como a forma *a gente*, de acordo com o mostrado no decorrer do trabalho, é mais habitual em contextos orais – ou deles derivado –, na busca pelo texto a ser trabalhado, procuramos entrevistas que abordassem algum aspecto culinário. Dessa forma, o uso de *a gente* foi encontrado.

A seguir, então, faremos uma discussão sobre três etapas de uma tarefa que propomos para exemplificar como o professor pode, desde níveis básicos, abordar o uso de *a gente*. Não pretendemos dizer que este seja o único caminho, e, sim, uma possibilidade de abordagem. Por uma questão de espaço, não abordaremos todas as etapas da tarefa, mas as que pareceram mais relevantes para a nossa discussão:

- a) a pré-tarefa
- b) a etapa relacionada ao uso de *a gente*
- c) a produção final

Na próxima seção, apresentaremos as três etapas acima mencionadas, discutindo como podem ser abordado o paradigma pronominal de primeira pessoa do plural.

6.1. A tarefa: vida gastronômica em São Paulo

O vídeo escolhido para compor a tarefa foi uma reportagem de um especial do *Jornal da Globo* sobre os 457 anos da cidade de São Paulo que foi ao ar em janeiro de 2011¹⁹. Optamos por esse vídeo como fonte para a elaboração da tarefa sobre o uso de *a gente*, pois os alunos, de forma geral, têm interesse pelo tema da reportagem – vida gastronômica e a cidade de São Paulo. Além disso, por termos como guia temáticas de interesse de alunos de nível básico, acreditamos que trabalhar com a temática da alimentação fosse relevante.

Com relação ao vídeo, a repórter circula, de metrô, pela cidade de São Paulo, parando em diferentes estações para ir a restaurantes de comidas típicas de diversas partes do mundo. Dessa forma, vai mostrando um pouco da variedade de opções gastronômicas na cidade. Para fazer o passeio, a repórter conta com a ajuda de uma *chef* de cozinha, que a acompanha por todo o percurso. Durante o vídeo, são apresentadas diferentes características de cada restaurante, assim como algumas de suas peculiaridades. Em diferentes momentos, são mostradas comidas exóticas e a explicação sobre como são preparadas. Há diferentes sotaques no vídeo, com pessoas de diferentes regiões do Brasil e do mundo. Nesse sentido, acreditamos que seja importante a realização de tarefas

¹⁹ O vídeo pode ser encontrado no *Youtube*: <http://www.youtube.com/watch?v=KSxBRqkJZWA>. Acesso em 28 de dezembro de 2011.

possibilitadoras/ mediadoras, pois sem elas provavelmente não haveria a compreensão do vídeo por alunos de nível básico.

Para iniciar o trabalho com o vídeo, uma das formas é trazer o conhecimento do aluno à tona. Dessa forma, propomos, a seguir, a pré-tarefa. Pensamos que, além de uma tarefa que busque levar o aluno a agir no mundo, é importante que haja instruções que auxiliem o professor a desenvolver essa tarefa em sala de aula, dando indicações sobre como podem ser abordadas questões de variação, por exemplo. Portanto, nos trechos da tarefa que mostraremos a seguir, há sempre uma indicação de como o professor poderia desenvolvê-la, pois seria mais um momento para que ele refletisse sobre como e o que ensinar.

6.1.1. Parte I: Pré-Tarefa

Como pode ser observado no Quadro 2, a pré-tarefa tem como objetivo levar os alunos a terem noções básicas sobre o que virá na tarefa principal e estimulá-lo a interagir com seus colegas de modo a levantar vocabulário que poderá auxiliar na compreensão do vídeo. Em relação às instruções para o professor (Quadro 3), procuramos apontar alguns caminhos possíveis, buscando mostrar que não há somente um: de acordo com o nível de conhecimento dos alunos, a pré-tarefa pode ser mais ou menos aprofundada, buscando sempre que sejam proporcionados novos aprendizados.

A partir da discussão da pré-tarefa e da apresentação da temática a ser trabalhada, o professor pode partir para a etapa de compreensão do vídeo.

Quadro 2 – Pré-tarefa

1.	Você conhece muitos restaurantes no Brasil?
2.	Que tipo de comida você já comeu aqui:
a.	Brasileiras:
	() do norte () do nordeste
	() do centro-oeste () do sul
	() do sudeste
b.	Outras:
	() chinesa () grega
	() árabe () japonesa
	() indiana () italiana
	() alemã () coreana
	() judaica () francesa
	() Outras. Quais? _____
3.	Liste os ingredientes dos pratos que você comeu. Você pode usar o dicionário!
4.	O que você sabe sobre a cidade de São Paulo? Liste alguns adjetivos que a caracterizem.

Quadro 3 – Orientações para o professor sobre a pré-tarefa

Professor: Utilize o momento da pré-tarefa para contextualizar o tema que será discutido na reportagem: restaurantes com comidas de diferentes locais do mundo em São Paulo. Instigue os alunos a conversarem sobre suas experiências gastronômicas no Brasil: restaurantes que já frequentaram, surpresas que tiveram por não conhecerem o vocabulário do cardápio dos restaurantes etc., estimulando-os a construir seu léxico acerca desses temas. A ideia é que esse primeiro passo leve em torno de 15 minutos. Se os alunos já estiverem bem familiarizados com o vocabulário de restaurante, você pode levar cardápios de restaurantes de diferentes nacionalidades, para que os alunos discutam sobre o que gostam e o que não gostam do cardápio etc. Além disso, é interessante já perguntar sobre o que os alunos conhecem sobre a cidade de São Paulo, a qual será foco do vídeo.

6.1.2. Parte II: Refletindo sobre a Linguagem do Vídeo

Em relação à parte II (Quadro 4), acreditamos que é nesse momento que o professor poderá sensibilizar o aluno para o uso da forma inovadora *a gente* como pronome pessoal na medida em que o uso desse pronome é recorrente na fala da repórter e da pessoa que foi convidada a participar da reportagem. As instruções para o professor são apresentadas no Quadro 5. É importante salientar que as perguntas feitas a seguir, em grande parte de identificação de informações, têm como objetivo que o aluno atente para a forma *a gente* e seus usos e também que tenha uma ajuda da tarefa para a compreensão do vídeo. Contudo, não seriam, em absoluto, as únicas perguntas a serem feitas sobre o vídeo, já que há muitas outras questões a serem exploradas. Apesar de entender que perguntas sobre outros aspectos devam ser feitas na tarefa, não serão aqui apresentadas por não serem o foco deste trabalho.

Quadro 4 – Compreensão do Vídeo

Você vai assistir a um vídeo que fala sobre diferentes tipos de comida na cidade de São Paulo – Brasil. A repórter vai, de metrô, para restaurantes.

1. Assista à primeira parte do vídeo duas vezes, sem som. Responda:
 - a) Quem vai com Marina Araújo (repórter) conhecer a cidade? _____
 - b) Quais comidas você vê no início do vídeo?
 - a. () salame
 - b. () coco
 - c. () feijão
 - d. () leite condensado
 - e. () queijo
 - f. () arroz
 - g. () outras. Quais? _____

c) Quais dessas comidas você já experimentou? Você gostou? Elas são comuns no seu país?

d) Quais lugares aparecem no início do vídeo?

- a. rua movimentada
- b. praça/ largo
- c. barraquinha/ banquinha de comida
- d. *shopping*
- e. armazém

2. Veja novamente o vídeo. Agora com som. O que diz a repórter no início do vídeo? Complete:

a. **Marina Araújo:** Desta vez, _____ uma viagem pela babel gastronômica que é a cidade de São Paulo.

- eu vou fazer
- nós vamos fazer
- você vai fazer
- a gente vai fazer

b. **Marina Araújo:** _____, aqui tem de tudo de diferentes culturas.

- Galera
- Pessoal
- Gente
- Ouvinte

c. **Marina Araújo:** Quem vai guiar _____ é a chefe de cozinha Letícia Massula.

- a gente
- gente
- nos
- me

d. **Marina Araújo:** O que _____ hoje aqui, no Largo da Concórdia?

- eu vou fazer
- nós vamos comer
- você vai ver
- a gente vai ver

e. **Letícia Massula:** _____ pela cultura brasileira, como não poderia deixar de ser.

- eu vou iniciar
- nós vamos passear
- você vai começar
- a gente vai começar

Quadro 5 – Orientações para o professor sobre a compreensão do vídeo

Professor: Logo no início do vídeo a repórter afirma: “a gente vai fazer uma viagem pela babel gastronômica que é a cidade de São Paulo”. Escreva essa frase na lousa e converse com os alunos sobre os significados dela. A partir disso, oriente os alunos a lerem a tarefa 1. Tire possíveis dúvidas dos alunos quanto à instrução do enunciado da tarefa e peça que eles assistam à primeira parte do vídeo sem som. Essa primeira parte objetiva reduzir a ansiedade dos alunos, de forma que eles tenham contato, primeiramente, com a parte visual do vídeo, e, posteriormente, com o vídeo e o áudio juntos. Dessa forma, eles terão mais tempo para atentar para questões que serão importantes para a compreensão oral. Dependendo do nível dos alunos, é importante incluir um breve glossário ao lado da tarefa, com as palavras que possam gerar maior dificuldade. Passe duas vezes essa parte do vídeo, observando como eles respondem à tarefa. Após conferir as respostas dos alunos, e tirar possíveis dúvidas, volte a atenção deles para a parte 2. O objetivo da segunda etapa é levar o aluno a perceber o uso de *a gente* ao longo da reportagem, no discurso da repórter e da convidada que participa da reportagem. Leia-a com os alunos para que eles não tenham dúvidas em relação ao que devem considerar em sua compreensão do vídeo. Recomenda-se levar o mapa das linhas de metrô de São Paulo para a aula para mostrar os pontos da cidade que a repórter percorre. Também recomenda que, após as perguntas de identificação de informações, sejam problematizadas outras questões do vídeo, também essenciais para um maior entendimento do que é nele levantado.

6.1.3. Parte III: Refletindo sobre o uso de *a gente* no vídeo

Na etapa 3, o professor terá a oportunidade de debater com os alunos questões concernentes a escolhas linguísticas feitas pelos falantes (Quadro 7). Ao trazer à tona tal discussão, os alunos terão a oportunidade de questionar o uso de *a gente* em detrimento de *nós* e de refletir sobre questões de variedade estilística (Quadro 6), pensando na realização situacional e de individualidade do discurso (COUPLAND, 2001, ECKERT, 2000), e avaliando a adequação da linguagem ao contexto de produção, isto é, ao gênero discursivo, como explica Bakhtin:

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gêneros e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2003, p. 283)

Portanto, ao trabalhar com diferentes gêneros discursivos em sala de aula, o professor tem mais subsídios para discutir com seus alunos questões concernentes à variação linguística de acordo com o gênero envolvido na comunicação.

Quadro 6 – Análise do uso de *a gente*

3. Analise as frases acima e responda:
- a. *a gente* pode ser substituído por:
- () eu
 - () você
 - () nós
4. “Gente” refere-se:
- () ao público
 - () à repórter
 - () à repórter e à *chef* de cozinha
5. Observe o verbo após *a gente*. Ele normalmente fica:
- a. () na primeira pessoa do plural
 - b. () na primeira pessoa do singular
 - c. () na terceira pessoa do singular
 - d. () na terceira pessoa do plural.
6. Converse com seu colega sobre as questões abaixo:
- a) Por que você acha que a repórter utilizou a forma *a gente* ao invés de *nós*?
 - b) Quando você conversa com falantes de português você ouve mais a forma *a gente* ou *nós*? Dê exemplos.
 - c) Na sua língua, existe esse tipo de opção ao usar os pronomes pessoais? Comente.

RESUMINHO:

Usamos **a gente** com o verbo normalmente conjugado na _____ em contextos parecidos com o uso de _____,

Exemplos: No Brasil, a gente vai para a escola aos 5 anos.

Durante a escola, a gente tem férias em janeiro.

Após os 18 anos, a gente tem que votar para presidente.

A gente vai para uma festa após a aula. Se você quiser, pode ir com a gente.

Quadro 7 – Orientações para o professor sobre a análise do uso de *a gente*

Professor: A terceira etapa da unidade didática tem por objetivo levar os alunos a refletir sobre as diferenças entre o uso da forma *a gente* e *nós*. Estudos sociolinguísticos apontam que o uso da forma inovadora *a gente* está crescendo em todo país, em diversos níveis socioeconômicos. Portanto, é importante mostrar aos alunos que eles podem incorporar essa nova forma a seu repertório linguístico e que eles certamente vão se deparar com ela em diversas situações ao interagirem com falantes de português brasileiro. Como a tarefa sugere, é importante salientar as questões de concordância do pronome. Aproveite para fornecer mais exemplos aos alunos de situações em que usamos *a gente*. Dependendo do

nível da turma, é possível aprofundar mais o seu uso, mostrando situações nas quais se usa *a gente* para indeterminar o sujeito gramatical. Também pode ser levantada a questão do estigma que muitas vezes sofrem brasileiros que usam *a gente* acompanhado de um verbo conjugado na primeira pessoa do plural.

6.1.4. Parte IV: Produção final: “E o que a gente faz com isso?”

Após trabalhar, nas tarefas anteriores com diferentes restaurantes de São Paulo – focando na sua diversidade –, bem como com o uso de *a gente*, entendemos que o aluno precise de um momento em que possa fazer uso do aprendido para fazer algo no mundo. Acreditamos que seja importante, após as etapas já descritas, que haja um momento de discussão sobre outros aspectos do vídeo que também são relevantes para o entendimento do que estava ocorrendo ali (os motivos que levam São Paulo a ser, como diz a repórter “uma babel gastronômica”, o metrô como forma de deslocamento na cidade, entre outros). Sem essas etapas, o vídeo acaba funcionando somente como uma ferramenta para a discussão gramatical, sem ser compreendido em relação a outros aspectos. Contudo, como nosso objetivo aqui é o de salientar como é feito o uso da locução *a gente* e possíveis motivos para a escolha da repórter de usá-la, não abordaremos essas necessárias etapas.

De forma a propor que os alunos fizessem uso do recurso linguístico tornado foco na aula, bem como acerca da temática alimentação, sugerimos a seguinte tarefa (Quadro 8) e orientações para o professor (Quadro 9), buscando fornecer subsídios para que os alunos pudessem atuar de forma mais efetiva em contextos que assim o exigissem:

Quadro 8 – Produção Final

Reúna-se com outros dois colegas. Vocês vão a um dos restaurantes do vídeo. Decida qual restaurante com os colegas e depois conte para a turma. O roteiro abaixo pode ajudar!

Decida:

Onde?

Quando?

Qual comida?

Conte para a turma!

A gente gosta de _____ (tipo de comida)

A gente vai _____ (restaurante)

A gente vai _____ (quando)

A gente quer _____ (qual o prato)

A gente prefere _____

A gente _____ (você completa!)

Quadro 9 – Orientações para o professor sobre a produção final

Professor: A última parte da tarefa serve para que o aluno possa praticar de forma contextualizada o que foi discutido nas etapas anteriores em uma situação que poderia acontecer em um contexto extraclasse. Para tanto, oriente o trabalho dos alunos em pequenos grupos, explicitando os objetivos da tarefa: conversar com o grupo acerca dos restaurantes que foram apresentados no vídeo e escolher um deles para visitar com a turma. Saliente a importância de os alunos usarem a forma *a gente* para marcar a primeira pessoa do plural.

É mister ressaltar que as tarefas apresentadas não esgotam os usos de *a gente*, e somente objetivam levar o aluno a um primeiro contato com essa forma e mostrar maneiras de abordá-la mesmo com alunos de ainda limitado repertório em PLA. Nesse viés, estamos de acordo com Castro da Silva (2011), que afirma ser importante trabalhar com outros usos de *a gente* em sala de aula – como, por exemplo, uma maneira de tornar o sujeito indefinido. Apesar de não termos explorado esses usos nas tarefas deste trabalho, acreditamos que devam também ter espaço em contextos de ensino de PLA.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de estudos sociolinguísticos de cunho variacionista sobre a forma inovadora *a gente* no português brasileiro, foi possível estabelecer alguns parâmetros para o ensino do paradigma pronominal do português brasileiro para alunos de PLA. Como vimos na fundamentação teórica, o português brasileiro está passando por um período de reestruturações linguísticas, e isso mostra que estamos caminhando para a simplificação dos pronomes pessoais, o que estaria impulsionando o uso da forma inovadora *a gente*. Embora as gramáticas normativas do português brasileiro ainda não relatem essa questão de forma sistemática – apresentando, muitas vezes, o pronome *a gente* apenas em notas de rodapé –, é essencial que o professor aborde esse assunto na sala de aula de PLA, uma vez que o aluno se deparará com essa forma inovadora ao se comunicar com falantes de português brasileiro.

Ao tomarmos como referência para análise neste trabalho o livro NAB1, procuramos mostrar que ainda há muito a ser discutido e proposto para o ensino de PLA, sobretudo em relação à produção de material didático que compartilhe da mesma visão de linguagem do Exame Celpe-Bras, ou seja, que compreenda a língua como um elemento vivo, em constante mudança. A partir do trabalho com tarefas pedagógicas que fomentem a discussão acerca da diversidade linguística presente no português brasileiro, o aluno de PLA terá oportunidade de refletir e discutir acerca da variação linguística em sala de aula e construir constantemente seu conhecimento ao interagir com a língua em contextos autênticos de uso.

REFERÊNCIAS

- ANDRIGHETTI, Graziela Hoerbe. *A elaboração de tarefas de compreensão oral para o ensino de português como língua adicional em níveis iniciais*. 2009. 196f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação linguística*. 1a ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*, 37a ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2a.ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- CASTRO da SILVA, Caio Cesar. A variação nós e a gente no português culto carioca. *Revista do GELNE*, Natal, v. 12, p. 67-74, 2011.
- CHAVES de MELLO, Gladstone. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 3a ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- CLARK, Herbert. O uso da linguagem. *Cadernos de Tradução – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 9, p. 49-71, 2000.
- COUPLAND, Nik. Language, situation and the relational self: Theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 185-210.
- CUNHA, Celso; CINTRA Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LIMA, Emma Eberlein de Oliveira Fernandes et al. *Nova Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiros*. São Paulo. EPU, 2008.
- _____.; BERGWELER, Cristian. *Nova Avenida Brasil 1: Manual do Professor*. São Paulo. EPU, 2009.
- LITTLE, Devitt ; SINGLETON, David. *Authentic materials and the role of fixed support in language teaching: towards a manual for language learners*. CLCS Occasional Paper 20. Dublin: Centre for Language and Communication Studies. Trinity College, 1988
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.14, n.2, 1998.
- _____. *O percurso de a gente em tempo real de longa duração* In: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Org.) *Para a história dos portugueses brasileiro V II- Primeiros estudos – Tomo I*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP/ FFLCH/USP, 2001, p. 127-148

- MANZONI, Ahiranie Sales Santos ; SANTOS, Renata.. Lívia de Araújo. A gente em relações de concordância com a estrutura 'pronomes reflexivos + verbo' na variedade alagoana do PB. *Revista Gatilho* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Juiz de Fora, virtual, v. 13, p. 1-9, 2011.
- MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983
- MENUZZI, Sérgio. First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: chains and constraint interaction in binding. In: JOÃO COSTA (ed) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford University Press, 2000. p. 191-240
- MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma Gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OMENA, Nelisa Pires de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony et alii. *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*. v. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986, p.286-319.
- RICARDI, Denise. *A diversidade linguística brasileira no material didático para o ensino de português para estrangeiros*. 2005. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina.
- RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. *Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009, v. 1, p. 127-172.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 5a ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
- SCHLATTER, Margarete. *O sistema de avaliação Celpe-Bras: características, implementação e perspectivas*. CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA LINGÜÍSTICA NA AMÉRICA DO SUL, 2006. João Pessoa. *Língua(s) e povos: unidade e diversidade*. João Pessoa: Idéia, 2006. p. 171-175.
- WILLIS, Jane. *A framework for task-based learning*. London: Longman, 1996.
- ZILLES, Ana Maria Stahl. Grammaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* – Department of Linguistics at the University of Pennsylvania, Philadelphia, v. 8, n. 3, 2002, p. 297-310.
- _____. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of 'a gente' in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change* – Cambridge Journals, v. 17, n. 1, 2005, p. 19-53.
- _____. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? *Letras de Hoje* – Revista da Faculdade de Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 42, 2007a, p. 27-44.
- _____. Grammaticalization of a gente as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. *Fórum Lingüístico* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 4, 2007b, p. 13-46.

Recebido em 01/05/2012

Aceito em 05/06/2012

Versão revisada recebida em 28/06/2012

Publicado em 30/06/2012

A GENTE AND NÓS AND THEIR TREATMENT IN A PORTUGUESE AS AN ADDITIONAL LANGUAGE TEXTBOOK

ABSTRACT: *This paper aims to analyze the treatment given to the Portuguese pronouns a gente and nós in the textbook “Novo Avenida Brasil 1: curso de português para estrangeiros” (LIMA et al, 2008). It is here assumed that linguistic variation is inherent to language and that language use is a form of social action (CLARK, 2000), and, therefore, that discussions about the new trends of the Portuguese language should be part of Portuguese as an additional language teaching tasks. From the analysis of the textbook selected, it is proposed a task for the approach of the pronoun a gente in a basic course of Portuguese as an additional language.*

KEYWORDS: *textbook; language variation; Portuguese as an additional language.*